

ÉRICO GOBBI: RESGATANDO A MEMÓRIA DE UM ESCULTOR RIOGRANDINO ATRAVÉS DA ANÁLISE E DIAGNÓSTICO DE SUAS OBRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

Leda Cristina Peres Lopes¹

Heloísa Helena F.G. da Costa²

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa versará sobre o escultor riograndino Érico Gobbi e tem por objetivo diagnosticar e inventariar o acervo de obras deixado pelo artista. A coleção de Gobbi encontra-se boa parte em sua galeria de arte; são bustos de políticos, filósofos, pessoas conhecidas nacionalmente, medalhões, fotos, troféus, esculturas em vários tamanhos e condecorações que recebeu durante sua vida. Seu acervo externo está exposto em praças públicas da cidade e a mais conhecida de suas esculturas é a estátua Mãe Iemanjá, que localiza-se na praia do Cassino; sua coleção conta com mais de 100 obras. A preservação da galeria e das obras deixadas pelo o artista fica sob a responsabilidade do filho Edisom Gobbi ; as obras em lugares públicos estão sob a responsabilidade da prefeitura de Rio Grande. O escultor deixou uma herança cultural ao povo riograndino, a qual deverá ser divulgada e trabalhada sob os aspectos culturais, como patrimônio e memória da cidade do Rio Grande.

Palavras- chave: Patrimônio cultural - Memória - Escultura - Érico Gobbi - Inventário

¹ Bibliotecária documentalista da Universidade Federal de Pelotas. Mestranda no Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural - Universidade Federal Santa Maria - ledacpupes@hotmail.com

² Docente concursada DE da Universidade Federal da Bahia. Professora colaboradora do Mestrado em Museologia e Patrimônio, da UNI-RIO e Mestrado em Patrimônio Cultural da UFSM. Pesquisadora nas áreas de História, Museologia, Gestão de Cidades Históricas e Estratégias de Preservação do Patrimônio Cultural. email: helocosta@uol.com.br

RESUMEN

El presente trabajo de investigación versará sobre el escultor riograndino Érico Gobbi y tiene por objetivo diagnosticar e inventariar el acervo de obras dejado por el artista. La colección de Gobbi se encuentra buena parte en su galería de arte; son bustos de políticos, filósofos, personas conocidas a nivel nacional, medallones, fotos, trofeos, esculturas en varios tamaños y condecoraciones que recibió durante su vida. Su acervo externo está expuesto en plazas públicas de la ciudad y la más conocida de sus esculturas, es la estatua Madre Iemanjá, que se ubica en la playa del Cassino; su colección cuenta con más de 100 obras. La preservación de la galería y obras dejadas por el artista queda bajo la responsabilidad del hijo Edisom Gobbi; las obras en lugares públicos están bajo la responsabilidad del ayuntamiento de Rio Grande.

El escultor dejó una herencia cultural al pueblo riograndino, la cual deberá ser divulgada y trabajada bajo los aspectos culturales, como patrimonio y memoria de la ciudad de Rio Grande.

Palabras clave: Patrimonio cultural - Memoria - Escultura - Érico Gobbi - Inventario

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa abordará o artista riograndino Érico Gobbi e sua obra. No decorrer de sua vida o escultor trabalhou suas esculturas com um dom próprio, desde pequeno sabia esculpir, nascera com esta aptidão de criar esculturas. Foram diversas obras criadas pelo artista, algumas destas doadas a sociedade riograndina e expostas hoje em praças e locais públicos, outras tantas estão aos cuidados de seu filho Edisom Gobbi em sua galeria de arte, criada na época pelo escultor para acomodar sua coleção, tirando-as assim de sua oficina de marmoraria, ofício com o qual o artista sustentava a família.

Gobbi deixou um vasto acervo, o qual, em parte, está localizado na casa e na oficina do escultor.

As obras são protegidas por seu filho Edisom, ele é quem cuida do acervo e do patrimônio deixado pelo pai. Algumas das obras estão sem identificação, o que acarretará, mais adiante, problemas no reconhecimento das mesmas, pois Edisom é quem agenda e recebe visitas na Galeria e oralmente esclarece a história de cada obra. Estas informações, se não registradas, perderão a identidade no decorrer do tempo, caso seu filho venha faltar; por isso, a breve necessidade de serem estudadas e inventariadas.

Sob o ponto de vista prático o inventário consiste na identificação e registro por meio de pesquisa e levantamento das características e particularidades de determinado bem, adotando-se, para sua execução, critérios técnicos objetivos e fundamentados de natureza histórica, artística, arquitetônica, sociológica, paisagística e antropológica, entre outros. Os resultados dos trabalhos de pesquisa para fins de inventário são registrados normalmente em fichas onde há a descrição sucinta do bem cultural, constando informações básicas quanto a sua importância histórica, características físicas, delimitação, estado de conservação, proprietário etc. (MIRANDA, 2008).

Outro problema identificado em visita a casa do escultor é o acervo que ainda permanece na oficina de Erico Gobbi; algumas esculturas estão expostas ao pó, umidade e outros agentes que podem danificar este acervo.



Figura 1 - Marmoraria e atelier do escultor Érico Gobbi

Foto: Leda Lopes

A intenção da pesquisa é trabalhar a recuperação da informação a respeito das obras que estejam sem identificação e inventariá-las, bem como analisar as obras que necessitam de uma manutenção preventiva ou que apresentem problemas em relação a decorrência da atividade do tempo sobre elas, indicando procedimentos de conservação preventiva para esse patrimônio cultural.

Silva Filho (1993) em seu manual de acervos apresenta dois critérios de conservação:

- Conservação preventiva – atua na deterioração do acervo com o objetivo de prevenir danos. São práticas de proteção. Inclui o monitoramento das condições ambientais, higienização, procedimentos de manutenção e planejamento de desastres.
- Conservação Corretiva – serve para remediar a deterioração física ou química. É o processo de utilização da mão de obra especializada por profissionais altamente qualificados, em consequência os custos são altos e a aplicação se limita a partes selecionadas do acervo.

A prevenção, quanto à deterioração do acervo, deve ser observada em relação às condições de armazenamento das obras, exposição e a segurança da coleção. Os fatores que danificam ou fragilizam a maioria dos acervos são a temperatura; umidade; iluminação; poluição atmosférica e ação do homem.

O acervo da Galeria Escultor Érico Gobbi está sob os cuidados de seu filho Edson Gobbi, ele é responsável pela preservação e restauração do acervo, trabalhou com o pai em seu atelier e conhece as técnicas que Gobbi utilizava com as esculturas, caso alguma obra venha precisar restauro. A galeria apresenta bom estado de conservação, não apresenta infiltrações, manchas de mofo ou umidade, a maioria das peças (bustos) estão em cima de pedestais, afastados das paredes.

Segundo a avaliação da restauradora Alice Prati, em visita a Galeria no mês de junho deste ano, o acervo de Gobbi apresenta-se em ótimo estado de conservação e preservação, pouquíssimas obras necessitam de uma intervenção.

Em relação a iluminação no que se refere a luz natural, esta não tem incidência direta com as obras, pois as janelas possuem cortinas que permitem a regulagem da intensidade luminosa, protegendo-as dos raios solares o que poderiam danificar a coleção. A luz artificial é bem distribuída não se focalizando em cima das obras, estas permanecem acesas somente quando há visita no local. O acervo externo de Gobbi fica sob a responsabilidade da prefeitura de Rio Grande.

A conservação e preservação deste acervo, além de garantir a história do escultor, também estará preservando a memória do artista para a comunidade riograndina.

BREVES DADOS BIOGRÁFICOS DE ÉRICO GOBBI

Érico Gobbi um dos maiores artistas riograndinos, denominado autodidata e de estilo clássico acadêmico, descendente de italianos, nasceu em Rio Grande no dia 09 de agosto de 1925 e faleceu em 14 de agosto de 2009, filho de João Gobbi, que era ajustador ferroviário e Liduína Dasso Gobbi. Ela, tendo o gosto pela arte de esculpir sempre foi a sua maior incentivadora. Érico casou-se com Ayda da Silva Gobbi, e teve dois filhos, Edson Gobbi e Marcus Vinícius Gobbi.

Seu talento desde cedo foi percebido pela mãe Liduína. Com apenas quatro anos de idade criava esculturas feitas com massa de vidro, massa de pão e sabão; sua primeira escultura foi uma pombinha feita com miolo de pão. Aos quatorze anos entrou para um curso de escultura ministrado pelo professor e escultor Matteo Tonietti, onde aperfeiçoou-se como escultor.

Na oficina de Tonietti conheceu o Comendador Manuel Pereira Júnior que ao ver o seu trabalho ficou impressionado com sua habilidade e decidiu patrocinar sua primeira exposição na Galeria Barros, em Rio Grande; esta ocorreu quando Gobbi tinha apenas 19 anos de idade. Prestigiaram o evento várias pessoas da sociedade riograndina. A partir desta exposição, Gobbi passou a desenvolver seu trabalho de maneira independente.

Durante sua vida criou mais de 100 esculturas, modeladas em argila, cimento, bronze, mármore e gesso, das quais algumas estão expostas em praças e locais públicos das cidades do Rio Grande e São José do Norte.

Gobbi esculpia por prazer, “dom divino”, como sempre gostava de deixar claro quando falava de seu trabalho. Seu acervo poderia ter sido muito maior, mas não pôde se dedicar somente às esculturas, trabalhava arduamente em sua marmoraria para sustentar sua família; poucas foram as obras vendidas pelo artista, algumas foram doadas a amigos e outras doadas à prefeitura de Rio Grande, as quais hoje fazem parte do cotidiano dos riograndinos.

Grande parte do acervo de Érico Gobbi está localizado em uma galeria na casa onde viveu o artista, na cidade do Rio Grande. Esta galeria foi construída por Gobbi por sugestão de um vizinho que achava que ele deveria ter um espaço para colocar sua coleção; esta sala faz parte do terceiro andar de sua residência e foi nomeada Galeria de Arte Escultor Érico Gobbi.

O artista manteve suas obras em sua galeria sem nenhum recurso financeiro doado por órgãos públicos responsáveis ou pela sociedade e até hoje tudo é mantido pela família.



Figura 2 - Galeria de Arte Escultor Érico Gobbi

Foto: Leda Lopes

Gobbi deixou sem dúvida uma herança ao patrimônio cultural da cidade do Rio Grande, dedicou-se à arte da escultura desde a sua infância, até os últimos dias de sua vida, portanto, seu trabalho e sua história devem ficar na memória da sociedade riograndina.

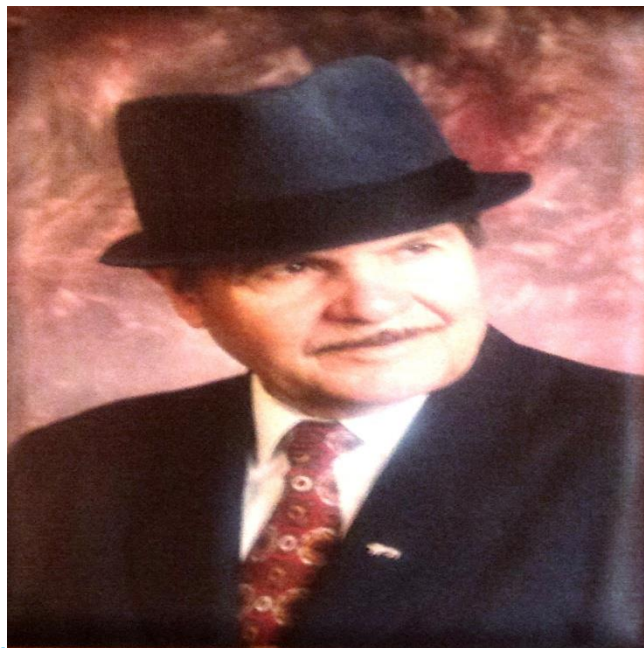


Figura 3 - Escultor Érico Gobbi

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Candau (2012) chama os museus de "casa de memória" e diz que o seu desenvolvimento está relacionado à vontade de conservar, de guardar as experiências humanas na memória. Gobbi criou a referida galeria de arte exatamente para poder preservar, conservar e salvaguardar sua arte; suas experiências também estavam ali guardadas; materializou suas lembranças através das esculturas, uma delas, a escultura de sua esposa, criada para presenteá-la após um desentendimento do casal.

Podemos entender este acervo pessoal como local de uma memória coesa e edificada de sí.

Como fonte historiográfica, um acervo pessoal se consolida como um fértil campo de pesquisas e intervenções que auxilia e muito a prática do historiador do presente, sendo também tido como um meio de manter viva a memória de determinado colecionador. (CUNHA, 2011).

Já o acervo externo de Gobbi está exposto em vários locais da cidade do Rio Grande e entre estas esculturas podemos citar a de Nossa Senhora de Lourdes e da Santa Bernadeth, existentes na Ilha dos Marinheiros; o florão no pedestal do

monumento do General Bento Gonçalves da Silva; monumento à imprensa; Profeta de Nazaré Nosso Senhor Jesus Cristo, na Praça Tamandaré; a chama crioula dos tradicionalistas; a Pira da Pátria, na Praça Xavier Ferreira; o marco em homenagem ao centenário do Sport Club Rio Grande, localizado na rua Duque de Caxias; a escultura de Manuel Pereira Junior, existente no prédio da antiga Beneficência Portuguesa; o monumento A Mãe, que fez em parceria com o mestre Matteo Tonietti; a Mãe Iemanjá, na praia do Cassino.

A maioria do acervo externo de Érico Gobbi foi doada à Prefeitura de Rio Grande, poucas foram as obras compradas pelo executivo. Gobbi não ganhou em cima de suas obras, a não ser o prestígio como escultor; quem de fato ganhou foi a sociedade riograndina que pode contemplar as obras de Gobbi espalhadas pela cidade.

Quando abordamos patrimônio cultural, estamos tratando do conjunto de tudo que tem significação, aquilo que tem sentido social, não importando se esse patrimônio é algo materializado oficialmente, ou se são manifestações da cultura que se apresentam através do cidadão comum. Entende-se que cabe às futuras gerações manter e valorizar esse patrimônio recebido dos antepassados.

A compreensão tardia da importância do patrimônio cultural de uma sociedade poderá causar um processo de degradação e destruição física e social no presente e não restará herança patrimonial nem memória social daqueles bens patrimoniais.

A palavra patrimônio é formada por dois vocábulos Greco-latinos: “pater” e “nomos”. A palavra pater significa chefe de família, ou em um sentido mais amplo, os antepassados. Dessa forma pode ser associada, também a bens, posses ou heranças deixadas pelos chefes ou antepassados de um grupo social. Essas heranças podem ser de ordem material como imaterial – um bem cultural ou artístico também pode ser um legado de um antepassado. A palavra “nomos” origina-se do grego. Refere-se à lei, usos e costumes relacionados à origem, tanto de uma família quanto de uma cidade. O “nomos” relaciona-se, portanto, com o grupo social. O patrimônio pode ser compreendido, como o legado de uma geração ou de um grupo social para outro. Por sua vez a palavra Memória origina-se do grego “mnemis” ou do latim, “memória”. Em ambos os casos a palavra denota significado de conservação de uma lembrança. Trata-se de um termo presente e utilizado por várias ciências historiográficas. Para os gregos a memória estava recoberta de um halo de divindade, pois referia-se à “deusa Mnemosyne, mãe das Musas, as que protegem as artes e a história “ (CHAUI, M. 2005, p. 138).

De acordo com Chauí (2005) um bem cultural ou artístico também pode ser um legado de um antepassado. Gobbi, agora como antepassado, deixou como

herança seu patrimônio aos cidadãos riograndinos. Cabe a esta sociedade preservar e conservar aquilo que foi construído em várias décadas por ele, passando assim de geração em geração, preservando a história e memória do escultor.

Ainda como patrimônio e memória social podemos citar uma das mais belas e lembradas esculturas do artista, a da imagem da Mãe Iemanjá, localizada de forma estratégica na praia do Cassino, encontra-se no final da principal avenida do Balneário, podendo ser observada de longe.

Conhecida como um símbolo de religiosidade e ponto turístico, anualmente milhares de devotos veem ao seu encontro; em comemoração à festa da rainha das águas, pessoas se deslocam de várias localidades do país e até mesmo do exterior para estarem diante da escultura. Esta é uma das obras mais contempladas pelas pessoas e se tornou um símbolo de adoração dos fiéis.

Décadas atrás a imagem sofreu com atos de vandalismo, partes da escultura foram danificadas e suas mãos foram quebradas; quaisquer obras expostas a um espaço público estão sempre sujeitas a depredações. Gobbi, ainda vivo, restaurou a escultura e pensando em novos ataques, deixou reservado em seu atelier um par das mãos da santa.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988).

Esta manifestação afro-religiosa faz parte da cultura brasileira e em Rio Grande a festa acontece diante da imagem de Iemanjá, criada por Gobbi.

A importância da existência de estátuas/esculturas para se manter uma tradição como a festa de Iemanjá é um suporte necessário para memória coletiva. A imagem da escultura está associada aos festejos. De acordo com FREIRE (1997, p.192) o entorno material, os objetos que nos circundam, as ruas, os quarteirões e a casa onde vivemos são os quadros materiais da memória e possibilitam que as pessoas permaneçam unidas enquanto grupo.



Figura 4 - Escultura Mãe Iemanjá - Praia do Cassino/RS

Outra obra que é polêmica e conhecida pelos riograndinos é a escultura do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, criada por Gobbi para atender a uma encomenda do então prefeito na época, Rubens Emil Côrrea.³ Gobbi construiu a escultura no seu próprio atelier durante meses, um enorme cavalo branco montado por Pinto Bandeira. Quem conhece a obra admira-se com os detalhes e a grandiosidade, o tamanho da escultura foi o que bastou para que comentários fossem surgindo pelos riograndinos, até hoje algumas pessoas falam sobre esta obra e perguntas sempre surgem como: de que forma o artista tiraria a escultura de dentro do atelier? Haveria ele ter que quebrar a fachada de sua residência para remover a escultura? Não haveria ele pensado neste importante detalhe? A escultura realmente é grande, mas desmonta-se em várias partes, facilitando assim sua movimentação.

³ Um acordo de boca entre ambos que nunca foi formalizado e tão pouco honrado pelo prefeito, gerando assim problemas para a família.



Figura 5 - Escultura Rafael Pinto Bandeira

Foto: Leda Lopes

O filho do escultor, Edson Gobbi, já tentou negociar a escultura por várias vezes com a prefeitura e com gestores de importantes empresas situadas na cidade do Rio Grande, mas até o momento não obteve êxito. A maior preocupação de Edson Gobbi é como ficará todo este acervo, caso ele venha faltar, pois como único interessado e guardião do acervo do pai, faz o que pode para preservá-lo. A maioria das obras está na Galeria do escultor, outras ainda permanecem na oficina (marmoraria) do artista sem nenhum cuidado específico para sua conservação, expostas a umidade e pó, inclusive a escultura de Pinto Bandeira.

Na galeria algumas obras estão identificadas, outras não receberam nenhum tipo de catalogação, isto faz que com o passar do tempo as informações sobre estas obras sejam completamente perdidas. Edson Gobbi, um ponto referencial importante para identificação das obras e período, relata informações de algumas por ter convivido com o pai na marmoraria, mas outras informações já caíram no esquecimento.

Inimigo da memória, o esquecimento, "segredo inquietante da lembrança", por vezes objeto de medo e tentação, impõe-se sempre sobre as lembranças. Se "nossa mente é porosa para o esquecimento", encontra ali um abrigo, pois o esquecimento, tranquilizador como Vinho de Helena, pode acalmar a dor... (Candau, Joel, 2012, p. 127)

De acordo com Candau, quando ele diz que sem o esquecimento, nossas lembranças não teriam nenhum alívio, em certas circunstâncias da vida o esquecimento torna-se uma benção, mas o esquecimento no caso de uma avaliação no acervo de Erico Gobbi poderia afetar/prejudicar a fidelidade das informações de cada obra.

Diante de todas estas informações abordadas, ficou claro na análise do referido tema que, em muitos pontos, tudo está envolvido diretamente com a memória social, identidade e o patrimônio cultural e para que estes pontos sejam preservados cabe a promoção e proteção deste patrimônio por meios de inventários, registros e talvez o tombamento, desde que sejam garantidos os direitos da família, que exercem o direito de propriedade.

A aplicação destes processos de certa forma imortalizará a lembrança, a memória e o patrimônio deixado por Érico Gobbi.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida Érico Gobbi foi um grande artista riograndino, teve várias oportunidades para trabalhar fora da cidade do Rio Grande, mas nunca quis deixar o município; sua terra, sua gente. Dizia que santo de casa faz milagre e que com ele não seria diferente. Foi homenageado por diversas vezes, mas as homenagens não lhe renderam nenhum respaldo financeiro, trabalhou arduamente para sustentar seu sonho e sua família.

Gobbi, é um artista conhecido, mas pouco divulgado, sua galeria deveria ser considerada como ponto turístico da cidade de Rio Grande, sua coleção deveria ser aberta às escolas, para que crianças e jovens percebessem o quanto é importante conhecer sobre a cultura do município, de seus artistas e de sua história. O município alega que falta verbas, mas o ideal seria que esta galeria fosse tombada e suas obras fossem adquiridas pela prefeitura, este é um desejo da família do artista.

As esculturas deixadas por Gobbi em espaços públicos, aos poucos tornam-se veladas, invisíveis aos olhos, a velocidade com o que o cotidiano elege novos ritmos de viver da cidade faz com que isso aconteça, a atitude contemplativa fica para trás e a obra passa despercebida pela comunidade. A importância de

revitalizar a memória social da comunidade perante as lembranças deste escultor, que tanto valorizou e deixou seu patrimônio para os riograndinos, será de fato um reconhecimento ao artista.

A realização deste inventário e o catálogo fotográfico servirá como produto de divulgação da obra deixado pelo escultor Érico Gobbi . A relevância de se catalogar este acervo se reitera através de necessidade para preservar informações pertinentes a respeito da história, obra e vida do escultor.

A comunidade riograndina deve conhecer, para saber então valorizar e contemplar o patrimônio cultural deixado por Gobbi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1988). Seção II, Artigo 216, caput, incisos, parágrafos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 abr. 2016.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012. 219p.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005.

DMITRUK, Hilda Beatriz(Org.). **Cadernos metodológicos: diretrizes do trabalho científico**. 6. ed . Chapecó: Argos, 2004. 214p.

FERREIRA, Paulo. Érico Gobbi. **Revista Rio Grande: fatos em revista**. Rio Grande, n. 3 ago/set. 1992.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos dos imaginários urbanos contemporâneo**. São Paulo: Sesc, Annablume, 1997. 320 p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003. 541p.

MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. **O inventário como instrumento constitucional de proteção ao patrimônio cultural brasileiro**. Jus Navigandi, 2008. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/11164/o-inventario-como-instrumento-constitucional-de-protecao-ao-patrimonio-cultural-brasileiro>>. Acesso: 20 set. 2017.

Silva Filho, José Tavares; Almeida, Marilene S. F. de; Gonçalves, Paulo Roberto. **Manual de conservação de acervos bibliográficos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.